

PROFESSORA RITA E O MARACUJÁ: Uma Dandara¹ no ensino da matemática

Dáfne Silva dos Santos²

Eliene Barbosa Lima³

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Matemática, em fase inicial, busca-se visibilizar a trajetória de uma professora negra e leiga que entre as suas atribuições ensinou matemática na comunidade Quilombola denominada Maracujá, no período de 1970 a 1995, pertencente a cidade de Conceição do Coité, Bahia. Na presente fase do estudo, tem-se optado em produzir um diálogo entre as fontes históricas com uma historiografia ‘vista de baixo’, que dá voz aos homens e mulheres pretos, assumindo o protagonismo de suas próprias histórias. **Palavras-chave:** Ensino de Matemática; Professoras Negras; Quilombola na Bahia.

TEACHER RITA AND THE QUILOMBOLA MARACUJÁ: A Dandara in Mathematics Teaching

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper for the Teaching Degree in Mathematics, in its initial phase, seeks to make visible the trajectory of a black lay teacher who, among her attributions, taught mathematics in the Maracujá Quilombola community, from 1970 to 1995, belonging to the town of Conceição do Coité, Bahia. In the present phase of the study, we have chosen to produce a dialogue between historical sources with a historiography 'seen from below'. It gives voice to black men and women, assuming the leading role of their own stories.

Keywords: Teaching Mathematics; Black Teachers-Woman; Quilombola in Bahia.

LA PROFESORA RITA Y LA QUILOMBOLA MARACUJÁ: Una Dandara en la Enseñanza de las Matemáticas

RESUMEN

Este Trabajo de Finalización del Curso de la Licenciatura en Matemáticas, en su fase inicial, busca visibilizar la trayectoria de una maestra negra y laica que, entre sus atribuciones, enseñó matemáticas en la comunidad Quilombola denominada Maracujá, en el período de 1970 a 1995, perteneciente a la ciudad desde Conceição do Coité, Bahia. En la presente fase del estudio se ha optado por producir

¹ “Dandara (?-1694). Personagem lendária da história de Palmares. Celebrada como a grande liderança feminina da epopeia quilombola, teria morrido quando da destruição da cidadela de Macaco. Contudo, sua real existência está ainda envolta em uma aura de lenda.” (LOPES, 2011, [n.p.]).

² Graduanda em Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9523-7450> .E-mail: dafnesilva05@gmail.com

³ Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana (UFBA/UEFS). Professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6928-5217>. E-mail: eblima@uefs.br.

un diálogo entre las fuentes históricas con una historiografía 'vista desde abajo', que da voz a los hombres y mujeres negros, asumiendo el protagonismo de sus propios relatos.

Palabras claves: Enseñanza de las Matemáticas; Maestros Negros; Quilombola en Bahía.

INTRODUÇÃO

O Brasil colonial e imperial teve o seu desenvolvimento econômico marcado pelo comércio negreiro, realizado por meio de uma cultura escravagista dos povos africanos, notadamente pertencentes a dois grupos étnicos: os sudaneses e os bantos. Salvador, Bahia, foi uma das maiores importadoras de pessoas que foram escravizadas (FAUSTO, 1990). Na atualidade, conforme Negro e Rocha⁴ (2012, p. 1356) Salvador traz “[...] consigo o realce de uma cidade negra fora da África”, mas isto não se traduziu em uma “[...] consequência inevitável do modo como foi povoada desde a sua fundação, em 1549.” (NEGRO; ROCHA, 2012, p. 1356). Muito pelo contrário, Salvador foi celebrada em 1949, ano de seu quarto centenário, sob a autoimagem de “Atenas brasileira”, isto é:

Atenas altaneira, de valores aristocráticos, liberal nas atitudes, tolerante na crença, cordial nos afetos, guerreira em nome da terra lusa de que era berço. Assim se viam ao se olhar no espelho fazendeiros e fidalgos. Esses herdeiros oitocentistas da conquista real lusa legaram aos seus descendentes a sapiência - e o gosto - de nutrir uma democracia entre os iguais, uma democracia apenas para os iguais. A eles, porém, cabia conviver com os ímpares. (NEGRO; ROCHA, 2012, p. 1356).

Não se tratava de uma realidade restrita à capital baiana, a qual ainda hoje é palco de perceptíveis divisões sociais dessa cultura elitista, idealizada e enraizada. A ancestralidade do povo africano na construção da vida econômica, política e educacional da Bahia teve seu protagonismo silenciado em uma historiografia tradicional, de caráter universal, dita dos vencedores, construída sob o ponto de vista daqueles que detinham o poder político e social. Esse contexto começou a ser modificado a partir da emergência de uma história cultural na década de 1980, mediante a abordagem de temas como cotidianidade, privado, individualidade e intimidade. Esses temas, conforme Lima e Freire (2017):

[...] tentam para os papéis informais, para as experiências que fogem as regras institucionais, para o provisório, para as relações humanas que eram deixadas de lado pelo historiador, mas que são elementos que fazem parte de algo vigente no modelo de uma determinada sociedade, uma vez que no processo de formação desses contextos, faz parte dele as práticas culturais que viabilizam a construção da identidade do ser humano enquanto indivíduo e ser social.

⁴ Trata-se de uma resenha sobre o livro de Anadelia Romo intitulado *Brazil's living museum: race, reform and tradition in Bahia*.

Assim, a marginalização dos descendentes desses povos vem ganhando novos contornos por meio de uma história ‘vista de baixo’, que dá voz aos homens e mulheres pretos, assumindo o protagonismo de suas próprias histórias. Um de seus defensores, Thompson (1999, p. 13, grifos do autor) afirmou que nessa história estava:

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro ludita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não.

Nesse contexto, eu, por ser uma mulher negra em uma sociedade que carrega essas marcas, as problemáticas envolvendo a educação de povos africanos sempre foi algo que me afetou diretamente. A minha trajetória educacional, na escola básica, foi toda realizada no interior da Bahia, em Conceição do Coité, cidade onde nasci, resido e que tem uma origem escravagista. Então, gerava muitos questionamentos o fato de ter dificuldade em encontrar professoras negras, principalmente, quando comparado ao número de professores e professoras brancas. Assim, interrogava: como, em um país e um cidade de origem escravagista e de maioria populacional negra, há tão poucas professoras negras?

Foi, portanto, por esses fatores, que em 2022, comecei a desenvolver um estudo para produzir o meu Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura em Matemática, tendo como objetivo inicial visibilizar a trajetória de uma professora negra e leiga que entre as suas atribuições ensinou matemática na comunidade Quilombola denominada Maracujá, no período de 1970 a 1995, pertencente a cidade de Conceição do Coité. Essa pesquisa está inserida no âmbito do projeto de pesquisa: *Tecendo o processo histórico de profissionalização docente, no âmbito da matemática, nos seus diferentes níveis de formação na Bahia, de 1925 a década de 1980*⁵.

⁵ Este projeto foi fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

CONCEIÇÃO DO COITÉ, A RAINHA DO SISAL

Conceição do Coité, a Rainha do Sisal, é uma cidade localizada no interior da Bahia, que dista 210 km de Salvador. A cidade recebe essa denominação em homenagem à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, fundada em 1855 e ao fruto da cuitezeira, chamado de cabaça da cuitezeira, árvore que se desenvolveu na região e que possuía um exemplar nas proximidades da capela construída em homenagem a Santa.

Com seus 89 anos de emancipação, sua história é contada e repassada pelo povo coiteense. É comum que, no imaginário popular, a fundação e origem da cidade tenha ocorrido a partir da ideia de que viajantes, por volta de 1730 (nesse caso, os tropeiros) se deslocavam de Feira de Santana rumo a Jacobina e costumavam se estabelecer no local, em detrimento da abundância de água encontrada na região, a fim de saciar as necessidades que surgiam em suas longas viagens.

Contudo, há uma versão diferente sobre a construção econômica da cidade de Conceição do Coité. Contrapondo-se a uma história eufêmica, há algo de sombrio nessa nova versão, a qual é marcada pela dor de um povo, originalmente os indígenas e, em seguida, os africanos, que até os dias atuais enfrentam as marcas sociais de longos anos de escravidão.

Os primeiros habitantes da cidade foram os chamados Tocós. Descendentes dos Pataxós e Paiaíás, eles se aproximavam das fontes de água presentes na região para cultivar na mata branca. É por volta de 1656 que o contato com os portugueses acontece. Estes, objetivavam desbravar o sertão e, eventualmente, chegaram aos Tocós. Aos indígenas sobreviventes do encontro brutal, só restava fugir ou se subordinar a esse povo colonizador.

Foi uma guerra sem par
Que os índios jamais viram
No violento combate
Escaparam os que fugiram
Alguns foram dominados,
Foram presos e humilhados
E como escravos serviram (BARRETO, 2007, p.22)

Assim, nos anos que se seguiram, o processo de povoação avançava. Em 1750, nascia a Fazenda Coité. Cem anos depois, o número de pessoas escravizadas só aumentava, dando a Coité o impulso para se desenvolver mais. Há muitas versões acerca de como os escravagistas tratavam seus escravos. Em uma delas, importante para o desenvolvimento

desta pesquisa, há a seguinte afirmação: “[...] Haviam [sic] senhores que engravidavam suas escravas e vendiam seus próprios filhos para serem escravizados. Mas, houve uma escrava que, tendo se casado com um fazendeiro, comprou seus irmãos e os premiou com a liberdade.” (CARVALHO, 2007, p. 2)

Seu nome era Martinha Maria de Jesus. Nascida no ano de 1849, Martinha era uma mulher negra que foi posta em situação de escravidão. Não conheceu sua família, pois foi vendida muito jovem. Teve, inicialmente, um filho chamado Saturninho, que também não teve oportunidade de manter por perto.

Com o passar dos anos, Martinha conheceu o senhor que viria a ser seu marido. Manoel Cedraz de Oliveira a comprou com o objetivo de torná-la sua companheira. Indo contra as tradições e preconceitos da época, em 1870 Martinha recebeu sua liberdade e em 1889 celebrava seu casamento com Manoel na Igreja Matriz de Conceição do Coité.

Nas terras dadas por Manoel, Martinha trabalhou por volta de 7 anos para encontrar e conceder a liberdade de seus irmãos e do filho nascido antes do casamento. Entre algumas versões acerca do que se sucedeu naquela época, destaca-se uma que diz que as terras de Martinha deram origem ao que futuramente se tornaria a comunidade quilombola do Maracujá.

E assim se concretizava
Com o sabor da vitória
O desejo de Martinha
Pra sua honra e sua glória
Que a justiça seja a regra
E os atos dessa negra
Permaneçam na história (BARRETO, 2004, p. 26)

Dessa forma, voltei o meu olhar para essa comunidade, visando localizar uma professora preta, visto que as outras tentativas inicialmente traçadas não foram bem-sucedidas.

A princípio, tentei buscar com auxílio do Colegiado de Matemática, alunas que já haviam se formado em matemática e fossem oriundas da cidade de Conceição do Coité. Após uma análise detalhada de uma lista fornecida pelo Colegiado contendo o local de nascimento de antigos alunos, como resultado, cheguei a três estudantes residentes em Conceição do Coité. Paralela a essa atividade, tentei encontrar professoras conhecidas na cidade, a fim de contatá-las e entrevistá-las.

Essa busca se mostrou mais complexa do que o esperado já que, como afirmei anteriormente, tive pouco contato com professoras negras no meu processo de educação. Depois de consultar algumas personalidades, cheguei a um relato interessante acerca de Martinha Maria de Jesus, uma mulher negra escravizada por volta de 1949 e que possivelmente deu origem a comunidade quilombola hoje chamada de Maracujá.

O MARACUJÁ

O Maracujá recebeu seu nome em detrimento das plantações de maracujá-do-mato que havia em abundância na região. Inicialmente chamado de Fazenda Maracujá, uma das versões de sua origem, conforme mencionado anteriormente, aponta que ele nasceu das terras que Martinha possuía. Já uma segunda versão, insere, nesse contexto, novos atores, ainda que também fossem descendentes africanos, quais sejam: os quatro irmãos: Zé de Souza, Severino, Calixto e Gregório. Eles teriam fugido e buscado refúgio, a fim de se distanciar das longas cicatrizes de seus ancestrais e reconstruir suas vidas. A partir de suas famílias, nascia assim, a Fazenda Maracujá.

Contudo, somente em meados de 2008, começava-se a discussão acerca da necessidade de reconhecimento da localidade como uma comunidade quilombola. Porém, foi apenas em 17 de setembro de 2014 que tal localidade passou a ser legitimada como Comunidade Quilombola do Maracujá.

A partir daí, benfeitorias foram propostas objetivando melhorar a qualidade de vida dos moradores. Algumas necessidades foram atendidas, como a isenção ou redução dos gastos com energia elétrica e a antecipação da vacinação contra a COVID-19. Outras, são problemas para a comunidade até os dias atuais, a exemplo da instalação de água encanada. Em 2022, a professora e pedagoga da comunidade Raiane Cordeiro de Araújo em parceria com o projeto social de música local denominado *Orquestra Santo Antônio*, idealizou um novo projeto visando proporcionar aos alunos da Escola Municipal Maria Rita Marcelina Silva um maior contato e acesso à arte.

Foi assim, conforme mencionado anteriormente, que meu interesse de pesquisa começou a ser entrelaçado com o Quilombola do Maracujá. Ao ir nessa comunidade, encontrei três mulheres. Duas delas, professoras locais que a princípio aceitaram ser

entrevistadas, porém, posteriormente, declinaram. A terceira, chama-se Marivania Silva dos Santos, secretária da Escola Municipal Maria Rita Marcelina Silva e filha da professora que dá nome a essa escola, que foi uma importante professora leiga, preta e líder da comunidade Quilombola do Maracujá.

PROFESSORA MARIA RITA

Nascida em 1949 no distrito de Conceição do Coité, Juazeirinho, a professora Maria Rita Marcelina Silva começou sua trajetória muito jovem. Na década de 1960, iniciou ministrando aulas em turno oposto em que frequentava a escola. Por se destacar em sua turma foi convidada, a pedido de conhecidos, a auxiliar suas amigas e colegas de turma.

Figura 1 - Imagem ilustrativa da Professora Maria Rita Marcelina Silva



Fonte: ARAÚJO (2021, p. 22)

Na década de 1970, foi convocada por Emérito Vital Pinto Resedá (na época vereador da cidade de Conceição do Coité) a lecionar na escola localizada na comunidade do Maracujá. Atuando como professora leiga, Maria Rita ensinava todas as disciplinas em salas multisseriadas. Trabalhou durante 25 anos na comunidade. Em 1998, aos 49 anos, faleceu devido a complicações em sua saúde, de acordo com o que relata sua filha.

Segundo Araújo (2021, p. 19), “Rita, como era chamada, foi professora e das boas. Ensinou de criança a adulto a ler e escrever. Além disso, foi líder da comunidade, foi ela que apareceu com esse negócio de associação, de reunir o povo para querer melhorar a situação

por aqui, lutou muito para conseguir energia elétrica para a comunidade. Esse era seu grande sonho!”

Essa sua trajetória profissional não foi desvinculada do fato de ela ser uma mulher, negra e mãe solteira. Criou e educou os seus sete filhos sozinha. Todos estudaram na escola em que ministrava aulas, possibilitando-lhes acompanhar de perto a luta da sua mãe para a melhoria da vida na comunidade do Maracujá. Segundo relato de uma de suas filhas:

[...] antes dela falecer ela fez o pedido de água encanada, de energia elétrica para comunidade e a energia só veio chegar 1 ano depois que ela faleceu. Ela não teve a oportunidade de desfrutar da energia do Maracujá. E...é... a água até hoje não foi colocada. Só agora que começaram a cavar e colocar os canos para a tão sonhada água, a água encanada no Maracujá (SANTOS 2022, p. 2).

Dessa forma, Maria Rita, além de importante professora, também foi líder comunitária. Foi ela quem inspirou os moradores do quilombo a reivindicarem seus direitos e a assumirem sua identidade enquanto pessoa negra. Buscou diversas melhorias e, dentre elas, as mais urgentes eram a instalação de energia elétrica e de água encanada no Maracujá. Por esses aspectos brevemente aqui delineados, no ano de 2018 a escola em que passou grande parte da sua vida profissional, foi renomeada como Escola Municipal Maria Rita Marcelina Silva, em sua homenagem.

TRAÇANDO ESTRATÉGIAS E TÁTICAS PARA A CONTINUIDADE DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA: caminhos tortuosos

Até o presente momento, consegui localizar fontes históricas, algumas das quais foram utilizadas para produzir esse texto inicial ainda que descritivo. Tais fontes correspondem a livros e textos encontrados na cidade de Conceição do Coité. Eles se referem a história da fundação da cidade e a personalidades negras importantes para a comunidade local, como por exemplo, Martinha Maria de Jesus.

Nesse universo, tive acesso a dois livros de Orlando Matos Barreto: *Martinha: Escrava, esposa e rainha* (2004) e *Conceição do Coité: Da colonização à emancipação: (1730-1890)* (2007) e, ainda, às produções da professora Raiane Cordeiro de Araújo, denominadas da *A riqueza do lugar: história da comunidade Quilombola do Maracujá* (2021) e *os diferentes sons do quilombo: a mágica visita da sinfonia concertante* (2022). Já

os textos dizem respeito as coletâneas de informativos acerca da cidade, organizados e escritos pela professora Marialva Carneiro de Carvalho (2007).

Contudo, para construir uma história ‘vista de baixo’, faz-se necessário realizar entrevistas com familiares da professora Maria Rita, mediante os silêncios dos documentos escritos já localizados sobre o seu exercício docente na Comunidade Quilombola Maracujá, em especial acerca de suas atividades direcionadas ao ensino de matemática. Um primeiro contato já foi realizado com a professora Marivania Santos, atual secretária da Escola Municipal Maria Rita Marcelina Silva e filha da professora Maria Rita Marcelina Silva. Por ele, foi possível perceber que há documentos pessoais do tempo de atuação da professora Maria Rita, que podem contribuir substancialmente para a continuidade dessa pesquisa. É nessa fase que estou atualmente, isto é, nas diretivas para o acesso a esses documentos pessoais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Por essa perspectiva, é de extrema importância o ponto de vista de personagens comuns que foram excluídos do protagonismo de sua própria história. O foco está, portanto, nos colonizados, perseguidos e em seus movimentos de resistência. Assim está sendo possível o enfrentamento dessas questões.

A história de Maria Rita é uma pequena parte de um todo, formado por professoras negras que tiveram sua história marcada pela luta, em uma sociedade que age excluindo e silenciando os povos de matriz africana.

Assim, como futura professora de matemática negra, visualizo como parte importante do processo de formação entender como se dá o ensino de matemática por meio do olhar de outras professoras negras, em cenários diversos, a fim de compreender e respeitar multiplicidade de etnias e de culturas dos estudantes em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. C. **A riqueza do lugar**: história da Comunidade Quilombola do Maracujá. 1. ed. Curitiba: Editorial Casa, 2021.

ARAÚJO, R. C. **Os diferentes sons do quilombo**: a mágica visita da sinfonia concertante. São Paulo: Kitembo "Edições Literárias do Futuro", 2022.

BARRETO, O. M. **Martinha**: Escrava, esposa e rainha. Conceição do Coité: Nossa Gráfica, 2004.

BARRETO, O. M. **Conceição do Coité**: Da colonização à emancipação: 1730-1890. Conceição do Coité: Nossa Gráfica, 2007.

CARVALHO, M. C. **Coletânea de textos informativos sobre o município de Conceição do Coité**. [S.I.:S.N], 2007. (manuscrito disponível na biblioteca do Centro Cultural Ana Rios de Araújo).

LIMA, E. B.; FREIRE, I. A. A. Cadernos com saberes matemáticos: Perspectivas históricas de pesquisas. **HISTEMAT - Revista de História da Educação Matemática**, v. 3, n. 1, p. 78-88, 2017.

LOPES, N. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

NEGRO, A. L.; ROCHA, A. C. Roma negra vence Atenas, mas não o enigma brasileiro. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos/RJ, v. 19, n. 14, p. 1356-1361, dez. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/15326/1/Antonio%20Luigi%20Negro.pdf>. Acesso em: 19 out. 2022.

SANTOS, M. S. **Entrevista concedida à Dáfne Silva dos Santos**. Conceição do Coité, 29 de outubro, 2022.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**: A árvore da liberdade. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.